

Sincronia em historiografia línguística: Said Ali e o estruturalismo linguístico

Maria Cristina Fernandes Salles ALTMAN¹

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil;
| altman@usp.br | <https://orcid.org/0000-0002-5121-4282>

Resumo: Este texto é sobre dificuldades que o historiógrafo enfrenta ao revisitar o cânone de uma tradição de estudos linguísticos já estabelecida, como é o caso do chamado período científico da gramaticografia brasileira. Situados pela historiografia linguística do século XIX, aproximadamente entre 1880 e 1881, ano da primeira edição da gramática de Júlio Ribeiro (1845-1890), (v. Ribeiro, 1883) e 1930, momento da compilação das gramáticas de Manuel Said Ali Ida (1861-1953), (v. Said Ali, 1931a, 1931b, 1964), os escritos gramaticais incluídos neste período constituem uma série em que os de autoria de Ali são avaliados como precursores dos movimentos teóricos que estavam por vir, como o estruturalismo linguístico. As seções que se seguem problematizam essa questão do ponto de vista do historiógrafo que tem diante de si interpretações consagradas sobre a tradição sobre a qual se debruça e propõem alguns procedimentos que visam a reduzir este viés.

Palavras-chave: Metodologia da Historiografia Linguística. Gramaticografia brasileira. Said Ali

Synchrony in Linguistic Historiography: Said Ali and the Linguistic Structuralism

Abstract: This paper discusses the difficulties faced by historians when revisiting the canon of an established linguistic tradition, specifically in the case of the so-called “scientific period” of Brazilian grammaticography. As defined by linguistic historiography, this period spans from approximately 1881, the year of the publication of the first edition of Júlio Ribeiro’s (1845-1890) grammar, to 1930, a time marked by the compilation of Manuel Said Ali’s (1861-1953) grammars. The grammatical writings from this era form a body of work in which Ali’s texts are considered precursors to subsequent theoretical movements, such as linguistic structuralism. The following sections problematize this issue from the perspective of the historian, who must contend with celebrated, pre-existing interpretations of the tradition under review. Finally, the paper proposes a set of procedures to help mitigate the historiographical bias that can arise from these established views.

Keywords: Historiography of Linguistic methodology. Brazilian Grammaticography. Said Ali.

| Introdução²

Recentemente, em um encontro científico, um colega fundamentou sua fala a partir do conceito de “influência”, ressaltando algumas contribuições da metodologia da disciplina Historiografia Linguística para as pesquisas em Semiótica, sua área de especialidade. Independentemente da reflexão do colega – instigante, por sinal, – pensei uma vez mais no fluido conceito de “influência” e no seu valor explicativo para a interpretação das teorias e práticas de análise linguística que se desenvolveram em determinada tradição histórica.

Eu me debrucei sobre essa questão em várias oportunidades. A primeira, por ocasião do projeto *Documenta* (Altman, 2014), um estudo longitudinal sobre a tradição gramatical do Tupinambá-Nheengatu (sécs. XVI-XIX); voltei a estudá-la exaustivamente, pelo menos mais uma vez, na pesquisa sobre o estruturalismo de Joaquim Mattoso Camara Jr. (1904-1970) (Altman, 2021) e costumo exemplificá-la nas minhas aulas teóricas de historiografia linguística com uma contenda clássica entre dois titãs dos estudos saussurianos (v., por exemplo, Altman, 2024a), aquela que se deu entre Eugenio Coseriu (1921-2002), para quem “[Georg von der] Gabelentz [(1840-1893)] exerceu, na realidade, uma influencia notável, particularmente sobre Saussure, e deve ser considerado um dos fundadores da lingüística sincrónica moderna” (Coseriu, 1977 [1967], p. 201, tradução própria³); e E.F.K. Koerner (1939-2022) para quem “[...] o **Curso** marca o início de uma nova era em teoría linguística geral, a origem de um novo paradigma, para usar um termo moderno” (Koerner, 1988 [1972], p. 51, tradução própria⁴).

Leituras recentes sobre a tradição gramatical do português no Brasil, notadamente do final do século XIX e início do século XX, chamaram mais uma vez minha atenção para o conceito. Trata-se da ocorrência dos metatermos *sincronia* e *diacronia* em escritos gramaticais de Said Ali, em que ele faz menção expressa a Ferdinand de Saussure (1857-1913), reconhecido introdutor da celebrada dicotomia em linguística geral, e do impacto que esta citação

2 Este texto é uma versão escrita de parte da pesquisa que realizei no momento sobre a produção gramatical brasileira do século XIX que considera o gênero do autor(a) como categoria de análise. Inclui, ainda, inevitavelmente várias outras reflexões sobre a metodologia do trabalho em Historiografia Linguística que venho acumulando ao longo dos últimos anos de pesquisa e ensino na disciplina.

3 No original: “[Georg von der] Gabelentz [(1840-1893)] ha ejercido en realidad una influencia notable, particularmente sobre Saussure, y que debe ser considerado como uno de los fundadores de la lingüística sincrónica moderna”.

4 No original: “[...] the Cours marks the beginning of a new era in general linguistic theory, the inception of a new paradigm, to use a modern term”.

suscitou em gerações posteriores de pesquisadores brasileiros. Voltarei a esta menção a Saussure na próxima seção, mas, adianto que nem sempre uma referência explícita é sinal de influência, ou, de endosso a conceitos de um autor. Há várias outras dimensões que devem ser levadas em conta pelo historiógrafo em sua interpretação.

No presente texto problematizo parte desta questão, procurando demonstrar que a interpretação das referências de um autor sobre outro, de uma teoria sobre outra, de um conceito técnico sobre outro não é direta. Ou seja, não há relação de causalidade entre a menção que um autor faz a outro, ainda que explícita, e sua maneira de entender a ciência que pratica. A situação se torna ainda mais complexa para o historiógrafo, quando se trata de aferir, em um eixo histórico, casos de inovação teórica, ou de renovação de práticas de análise linguística, avaliação recorrente dos escritos gramaticais de Said Ali.

| A primeira menção explícita a Saussure

Na tradição gramatical brasileira, a primeira menção explícita a Saussure é de fato atribuída a Said Ali, na 2^a edição das suas *Dificuldades da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: Besnard Frères (1919 [1908])). No trecho em questão, Ali observou que questões referentes às então chamadas *formas divergentes*, uma erudita, outra popular [Ex.: chamma (pop.), flamma (erud.), flamma (Lat.); etc.], seriam facilmente resolvidas se o linguista, em vez de legislar sobre elas, as observasse no seu contexto temporal de ocorrência. Uma forma linguística considerada “errada” em determinado estágio da evolução da língua pode vir a ser o padrão em um estágio posterior (Said Ali, 1964 [1931a, b], p. 18). Fatos como esse, concluiu Ali, reforçam as luminosas apreciações de Saussure sobre linguística sincrônica e diacrônica. Observe-se abaixo a parte do trecho em que a menção ocorre:

Levei sempre em conta, nas diversas questões de que me ocupei, o elemento psicológico como fator importantíssimo das alterações de linguagem e, inquirindo a persistência ou instabilidade dos fatos linguísticos, tomei para campo de pesquisas não somente o português do período literário que se estende de João de Barros⁵ a Manoel Bernardes,⁶ mas ainda o falar hodierno e, por outra parte, o menos estudado falar medieval. Pude assim colher resultados que dão regular ideia da evolução do idioma português desde a sua existência até o momento presente,

5 João de Barros (1496-1570).

6 P. Manoel Bernardes (1644-1710).

de onde se vê a razão de certas dicções duplas, coexistentes ora e ora sucessivas, fontes, muitas vezes, de renhidas e fúteis controvérsias. **Nesses fatos encontraria F. de Saussure, creio eu, matéria bastante com que reforçar as suas luminosas apreciações sobre linguística sincrônica e linguística diacrônica** (cf. Said Ali, 1919, p. VI, ênfase adicionada).⁷

Chamo a atenção do leitor para três declarações de Ali no trecho citado, que retomarei adiante. A primeira é a relevância conferida pelo autor ao elemento psicológico no estudo da mudança linguística; a segunda é que seu estudo sobre as mudanças linguísticas do Português considera estágios de evolução nos limites da própria língua, ou seja, o ponto de partida do estudioso é a língua tal e qual é falada no seu presente, para depois retroceder, entre idas e vindas, até estágios anteriores, no caso, o medieval e o literário.

Essa menção isolada a Saussure, apenas três anos após a primeira publicação póstuma do *Cours* (1916), recebeu da parte de alguns linguistas brasileiros (ex. Mattoso Camara, 1961 2004; Bechara, 1962, 2008; Cavaliere, 2018, por exemplo) interpretações a meu ver equivocadas, que consistem em ver nos escritos gramaticais de Ali uma antecipação do quadro estruturalista de trabalho, que só se divulgaria no Brasil algumas décadas depois, nos anos 1950 e 1960. A equação montada por aqueles que ecoam essa interpretação em seus textos me parece clara: Saussure é o fundador do estruturalismo linguístico no século XX (*doxa* no.1); Said Ali faz referência explícita a(os conceitos de *sincronia* e *diacronia* de) Saussure; logo, Said Ali é estruturalista (*doxa* no. 2), ou, em uma interpretação menos forte, Said Ali é o precursor do estruturalismo linguístico no Brasil. Dito de outra maneira, os autores adeptos desta opinião revestem Said Ali de mais um mérito: o de ter visto antes que outros os caminhos da “verdadeira” ciência da linguagem, aquela “inaugurada” por Saussure no século XX, que deu origem ao estudo estrutural, sincrônico, da modalidade oral de língua, como programa de investigação, também no Brasil.

O viés do historiógrafo

Uma das coisas que sempre me intrigaram nessa interpretação foi a inversão cronológica dos eventos selecionados e a ausência de argumentos (meta) linguísticos que justificassem essa percepção. Dito de outra maneira, o ponto de vista a partir do qual alguns linguistas e historiógrafos contemporâneos interpretaram (e ainda interpretam) esta menção a Saussure não segue a direção habitual das transferências de conceito, ou de técnicas, de um autor para outro,

⁷ Nesse e em outros trechos citados, a ortografia foi atualizada.

isto é, da fonte para o alvo da recepção. Ao contrário, essa interpretação rompe com o conjunto de valores científicos e sociais que sustentaram a tradição gramatical do Português de que Said Ali fez parte, e cria outros, na medida em que atribui a ele um movimento de antecipação do ideário estruturalista que ainda estava por vir.

O ponto a ressaltar são os valores adicionais, positivos no caso, com que essa interpretação reveste um autor do passado: visionário; original em relação aos seus contemporâneos por ser *estruturalista* e não *positivista*. São valores científicos e sociais posteriores a Said Ali, de conhecimento apenas do historiógrafo, ou do linguista, que o leram com os olhos oniscientes do seu presente histórico. Com efeito, trabalhos recentes em história e em filosofia da ciência (Lacey, 2010), assim como alguns estudos em epistemologia feminista (Harding, 2004), têm demonstrado como, para além dos valores cognitivos compartilhados por uma comunidade científica em determinado momento, os valores sociais, políticos, ou econômicos da sociedade em que essa comunidade se insere deixam suas marcas na metodologia do trabalho do cientista.

Tendo isso em mente, as perguntas abaixo, pertinentes ao caso em pauta, me parecem inevitáveis: a primeira é até que ponto os valores científicos (sociais e cognitivos) do presente do historiógrafo afetam sua leitura do passado? Meu entendimento é que afetam, interferem e enviesam sua interpretação, como procurei demonstrar na desmontagem dos conceitos de *Fonêmica*, de Mattoso Camara (1953) e de *Tupi Jesuítico*, também de Mattoso Camara (1965) (Altman, 2009 e 2021). Se assim é, coloco a segunda pergunta: haveria algo que, metodologicamente, os historiógrafos poderíamos fazer sobre isso?

| O cânone

Said Ali provavelmente começou a amadurecer sua reflexão gramatical nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, haja vista a publicação de pelo menos dois dos seus textos mais relevantes para as questões linguísticas sobre o Português do Brasil naquele momento: a “colocação dos pronomes átonos na frase portuguesa” (Said Ali, 1895a, p. 301-314) e os “verbos sem sujeito” (Said Ali, 1895b, p. 39-46; 108-115). Seus escritos gramaticais posteriores datam dos anos 1920 em diante. Assim, se sucedem, as *Dificuldades da Língua Portuguesa* (1908); a *Lexeologia do Português Histórico* (1921); a *Formação de Palavras e a Sintaxe do Português Histórico* (1923); a *Gramática Elementar da Língua Portuguesa* (1923); a *Gramática Secundária da*

Língua Portuguesa (1927); os *Meios de Expressão e Alterações Semânticas* (1930) e a *Gramática Histórica* (1931).⁸

Essa cronologia coloca Said Ali como o “ponto de chegada” de uma série de trabalhos gramaticais produzidos por autores brasileiros desde o último quartel do século XIX, aqueles hoje identificados como fazendo parte do período da gramática científica, ou melhor, do chamado período científico da gramaticografia brasileira (exemplos em Borges Neto, 2022 e Cavaliere, 2022, entre outros). Essa cronologia também coloca Said Ali, notório convededor do alemão, língua a cujo ensino se dedicou no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, como leitor potencial dos textos do *mainstream* científico em matéria de ciência da linguagem, naquele momento representado pelos *Junggrammatiker* alemães da Escola de Leipzig, como Karl Brugmann (1849-1919), Herman Osthoff (1847-1909), Berthold Delbrück (1842-1922) e Herman Paul (1846-1921), mas não só. A crer em suas referências, Ali teve acesso a um considerável grupo de gramáticos franceses e ingleses, indo-europeístas, comparatistas, latinistas, romanistas, como Michel Bréal (1832-1915), Arsène Darmesteter (1846-1888), Wilhelm Wundt (1832-1920), o americano William Dwight Whitney (1827-1894) e, muito provavelmente, segundo alguns, Saussure (Altman, 2024a, em fase de publicação).

A interpretação modelar do cânone

Mattoso Camara (2004 [1961], p. 223-226), ao escrever um pequeno texto sobre Said Ali, ilustra bem o que aponto aqui como o viés do historiógrafo: sem outro argumento que não a sua própria autoridade em linguística estrutural e estruturalista, Mattoso, que neste texto se coloca na posição de admirador da figura de Ali, projeta no homenageado a concepção de estruturalismo do seu presente histórico.⁹ Leia-se o trecho a seguir:

Dos neogramáticos [Said Ali] não tirou, ao contrário de Leite de Vasconcelos,¹⁰ a orientação histórico-evolutiva, mas as bases doutrinárias para encetar uma sistematização nova dos fatos gramaticais portugueses. A sua fisionomia filológica é a do que hoje chamaríamos

8 A lista não é exaustiva.

9 Em rodapé, relembrro que, em um estudo abrangente sobre os estruturalistas europeus *avant la lettre*, Koerner (1975, p. 724) observou que qualquer linguista que lida com dados de uma língua os organiza sob algum critério, i.e., nunca os trata como um conglomerado desordenado de termos. Nesse sentido, qualquer linguista poderia ser considerado “estrutural” em certa medida, embora não estruturalista (v., por ex., Altman, 2024b). Se assim for, não há uma particularidade “estrutural” na organização que Said Ali imprimiu aos seus dados.

10 José Leite de Vasconcelos (1858-1941).

um ‘estruturalista’, vendo na língua uma ‘estrutura’, ou rede complexa, mas regularmente trançada, de fatos que se relacionam e se opõem em configurações muito nítidas que ao linguista cabe depreender (Mattoso Camara, 2004 [1961], p. 224).

Para mim é intrigante notar que boa parte dos leitores dos textos gramaticais de Said Ali tenham seguido a opinião de Mattoso Camara, preferindo ver nele um estruturalista, ou, pelo menos, um precursor do estruturalismo, sem outros argumentos para além da sua menção a Saussure e aos conceitos de *sincronia* e *diacronia*. A visão disfórica sobre a orientação histórico-evolutiva dos “neogramáticos”, que se lê no trecho citado, faz parte do conjunto de valores sociocognitivos do historiógrafo estruturalista Mattoso Camara e não, a meu ver, do filólogo e linguista, Said Ali.

A chamada geração da gramática científica no Brasil, que inclui Ali, se identificou com a geração de jovens europeus do final do século XIX. Com efeito, filólogos e linguistas alemães eram percebidos, também pelos estudiosos brasileiros, como as grandes autoridades do campo e Said Ali não era exceção (cf. Said Ali, 1895b, p. 40; 1964 [1931a, b], p. 265). Na primeira página dedicada à Sintaxe da sua *Gramática Histórica*, por exemplo, Ali declarou judiciosas as observações de Brugmann sobre a relação entre estados psíquicos e orações e, no parágrafo seguinte afirmou que, sem pretender dizer “[...] melhor do que Hermann Paul, Delbrück e Wundt [...]” sobre a definição de *proposição, oração ou sentença*, parece a ele, Ali, que:

Persiste ainda uma grave dificuldade, que se aplainaria um tanto se os gramáticos se aferrassem menos a certos princípios de lógica e os psicólogos se desacostumassem um pouco mais de ver na linguagem com que se exprime a oração o reflexo perfeito da criação do pensamento e deixassem de identificar sempre a combinação dos termos da oração com o processo mental de juntar conceitos (Said Ali, 1931a, b, 1964, p. 265, §1331-1332).

Revendo o câncone, e diferentemente de Mattoso Camara, vejo em Said Ali um hábil crítico da tradição de análise gramatical que o antecedeu –a *gramática filosófica*– e um leitor eficiente dos preceitos positivistas e da metodologia de análise proposta pelos *Junggrammatiker* aplicada a dados do português. Nas seções seguintes, argumento que ser estruturalista, tal como o termo se estabeleceu na historiografia linguística do século XX, não é aplicável aos escritos gramaticais do autor. Procuro chamar a atenção, ao mesmo tempo, para a necessidade de o historiógrafo sincronizar as dimensões “externa” e

“interna” do seu estudo, sob pena de apresentar uma interpretação distorcida do seu objeto.

| O **Zeitgeist europeu**: o que estava “no ar”

1876 é quase um número cabalístico na Filologia Indo-europeia de origem alemã (cf. Koerner, 1978). Foi o ano da morte de celebrados estudiosos alemães como Friedrich Diez (1794-1876), o fundador da Linguística Romântica, e de outras grandes figuras do século XIX, que também faleceram proximamente a esta data, como Jacob Grimm (1785-1863), Franz Bopp (1791-1867) e August Schleicher (1821-1868). O ponto relevante desses detalhes para Koerner é que, por volta do último quartel do século XIX, havia espaço no mundo acadêmico europeu para que uma nova geração se considerasse inovadora em relação aos seus predecessores, e não apenas entre os *Junggrammatiker* de Leipzig, como sabemos.

Dentre as várias contribuições desta geração para a Linguística Histórica incluem-se a resolução das exceções da lei de Grimm; a existência das nasais e das líquidas silábicas (r l m n̄) em Proto-Indoeuropeu, descobertas por Brugmann e Osthoff; o reconhecimento pelos linguistas franceses de que a fisiologia poderia ser aplicada à fonética, e a demonstração de Edward Sievers (1850-1932) da relevância da fonética para a linguística histórica. Mais interessantemente, Jost Winteler (1846-1929), no seu estudo dialetológico de 1876, defendeu a regularidade da mudança linguística, o que serviu de exemplo para que Brugmann e Osthoff, no prefácio a *Morphologische Untersuchungen* de 1878 [o manifesto neogramático], mostrassem como o estudo das línguas vivas deveria ser. Em suma, os princípios gerais da linguística histórica já estavam estabelecidos por August Leskien (1840-1916).

Esses exemplos são seletivos, evidentemente, mas representativos o bastante aos propósitos deste texto. Sem a preocupação de demonstrar que Said Ali leu este ou aquele autor, ou foi influenciado por esta ou aquela ideia, o fato é que o espírito neogramático de renovação na metodologia da prática de análise linguística “estava no ar” e Said Ali capturou isso.

| O **manifesto de Brugmann e Osthoff (1878)**

Lehman (1967), na sua tradução do manifesto de 1878, resumiu os princípios gerais que, do ponto de vista dos dois autores, deveriam nortear a pesquisa sobre as línguas indo-europeias daquele momento em diante: os linguistas devem dar importância à língua falada no estudo das línguas; o estudo da fala

deve ser visto como uma das atividades culturais do homem; o linguista não deve deixar de incluir a língua contemporânea nos seus estudos históricos, ainda que sejam dialetos; os dados são mais importantes do que as teorias sobre os dados; é preciso reconhecer o fator *analogia* como processo relevante na mudança linguística.

Com efeito, lê-se no manifesto que uma língua não é um organismo que tenha vida própria fora e acima dos seres humanos, i.e., a linguística comparativa da primeira metade do século teria tratado de muitas línguas, sem levar em consideração os homens que as falavam (Brugmann; Osthoff, 1967 [1878], p. 198). Em todos os tempos, prosseguem os autores, a atividade mental e física do homem deve ter sido essencialmente a mesma desde o momento em que herdou uma língua dos seus antepassados, a reproduziu e modificou as formas da fala que absorveu na sua consciência. Assim, no caso da mudança que chamam de *mecânica*, prosseguem Brugmann e Osthoff, a modificação do som em determinado ambiente será reproduzida em todas as palavras em que o mesmo ambiente estiver presente, e a direção da mudança será a mesma para todos os falantes daquela comunidade linguística, exceto se ocorrer uma divisão dialetal. Para os autores, ainda, processos psicológicos também intervêm nas mudanças. Mesmo casos em que as alterações das formas parecem afetar apenas a dimensão exterior da fala podem resultar de um processo psicológico anterior à materialização sonora pelos órgãos vocais. Ou seja, para eles, desde que esteja claro que a *associação de formas*, i.e., a criação de formas por *analogia* tenha um papel importante na vida das línguas mais modernas, este tipo de inovação linguística deve ser reconhecido sem hesitação.

Das proposições de Brugmann e Osthoff no manifesto de 1878, destaco seis pontos que, em minha interpretação, estão em intersecção com a leitura que faço de Said Ali:

- a) o mecanismo da fala tem um aspecto duplo: mental e físico;
- b) a fonética articulatória diz respeito ao aspecto puramente físico do mecanismo da fala;
- c) deve haver uma ciência que empreenda amplas observações da operação dos fatores psicológicos sobre as inúmeras mudanças sonoras e inovações, as assim chamadas *formações analógicas*. É preciso ter uma clara ideia, diante de uma inovação sonora, se ela é de natureza puramente *psicomecânica*, ou se é o reflexo físico de processos *psicológicos*;

- d) é preciso examinar exaustivamente o efeito da *associação de ideias* na atividade da fala de uma comunidade e a criação de formas de fala, a partir da *associação de formas*, e desenvolver princípios metodológicos que dizem respeito a isso;
- e) é desejável que a Psicologia e a Linguística Histórica mantenham uma relação estreita;
- f) tem-se [segundo os dois autores] um quadro claro da maneira pela qual as formas linguísticas são mantidas de maneira geral, não por uma reconstrução hipotética na língua original, ou através das formas mais antigas conhecidas do Índico, do Iraniano, do Grego, mas, pelo princípio de que se deve começar pelo conhecido e, a partir dele, caminhar em direção ao desconhecido, através dos desenvolvimentos cuja história prévia possa ser perseguida através de textos de que se conheça o ponto de partida. Então, o linguista (comparatista) que se pregunta o que em uma língua se mantém ou manteve, deve focar sua atenção na língua original até o presente e dispensar de vez a ideia de que os indo-europeístas só devem olhar para as últimas formas das línguas indo-europeias quando elas oferecem material linguístico importante para a reconstrução da língua original indo-europeia (ênfase adicionada).

Em outras palavras, o tempo não degenera as formas linguísticas, a perfeição não está na língua original. As formas linguísticas simplesmente mudam com os homens que as falam.

| **Alguns princípios teóricos pressupostos em Said Ali**

Basta reler a primeira citação que faço a Ali na seção 1 do presente texto para nela reconhecer pelo menos dois dos fundamentos dos jovens gramáticos alemães: a relevância conferida ao elemento psicológico no estudo da mudança linguística, e o ponto de partida do seu estudo histórico não ser o latim, mas os vários estágios documentados do português, o literário, o medieval, e o português falado moderno.¹¹

Este direcionamento da pesquisa sobre as formas da língua transparece em várias das suas afirmações. No capítulo da “derivação” da sua gramática histórica, por exemplo, Ali afirma que: “Tais fatos se observam na linguagem,

11 O método de Ali é claro desde o início: “Não cotejaremos fonética portuguesa com fonética latina, e sim textos portugueses com textos portugueses...” (Said Ali, 1964 [1931a, b], p. 33).

quer estudada *sincronicamente*, como nos exemplos que acabamos de referir, quer examinada *diacronicamente*. *Lente*, *ribeiro*, *receita*, *estado*, *oriente*, *hoje* usados só como substantivos, procedem de antigos adjetivos e participios” (Said Ali (1931a, b) 1964, p. 230).

Em outros termos, para classificar as palavras, o critério proposto por Ali é a sua *significação* atual, isto é, a significação da palavra à cada época em que ocorreu, ou ainda ocorre (Cf. também Said Ali, 1895b, p. 44). Assim é que nas páginas destinadas à descrição da derivação em português, por exemplo, Said Ali mostra distinguir acuradamente entre o ponto de vista sincrônico, intuitivo, que o *falante* tem da própria língua, e o ponto de vista histórico-evolutivo, que a linguista projeta na língua que estuda. Assim, “**Receber**, para quem fala e pensa em português, é outro verbo primitivo [como esquecer]; [...] O linguista analisa de outro modo e, deixando o português, remonta ao latim para decompor o dito verbo em **re+cipere < re+capere.**” (Said Ali, 1964 [1931a, b], p. 231, §1134-1136, grifo do autor). Visão esta, aliás, compartilhada por contemporâneos seus, como se lê em Maia (1914 [1899], p. 20-21, §66,67, por exemplo).

Os pontos do manifesto que destaquei acima certamente soam familiares aos estudiosos de Said Ali, ao menos para aqueles que leram o *Prólogo* da *Lexeologia do Português Histórico*, de 1921, onde Ali descreveu o método que utilizou no livro: seu estudo se deu desde a mais remota fase dos primeiros documentos escritos do português até o seu presente; ele se valeu do estudo comparado do ponto de vista evolutivo; não dissociou do homem pensante e da sua psicologia as alterações por que passou a língua em tantos séculos; as mesmas leis fonéticas seriam inexistentes sem os processos da memória, da analogia, e até do esquecimento, para ele a memória negativa também é fator de evolução. Com esse método, concluiu Ali, seu livro assumiu o caráter de uma *lexeologia semântica*, ou de uma *semântica lexeológica*. Para Ali, deixará de ser histórico o estudo dos vocábulos que não levar em consideração suas alterações semânticas, ou seja, suas mudanças de sentido ao longo do tempo.

Se de fato Ali leu e recebeu as lições de Saussure sobre diacronia e sincronia, foi no contexto do movimento neogramático europeu contemporâneo a ambos, e certamente não no contexto estruturalista que os sucedeu.¹²

12 O eixo da reflexão semântica em Ali é outro parâmetro bastante rico para o historiógrafo deste período. O lugar que a Semântica deve ocupar na Gramática; o *sentimento* do falante, capturável, por hipótese, no momento pré-fala; a situação de comunicação entre falantes de uma língua, são conceitos que Ali parece emprestar dos seus contemporâneos europeus, não de Saussure. Sua conceituação de palavra, aliás, assumiu a seguinte forma em 1895b, p. 43. “Na ciência da linguagem todas as vezes que queremos dirigir a nossa atenção para uma palavra qualquer, temos duas coisas bem distintas a considerar: 1º. Um som ou agrupamento de sons; a ideia ou significação da palavra. É como se dissessemos: os vocábulos são como

A ruptura com a tradição filosófica

Como sabemos, mudanças metodológicas na história de um campo de ensino e pesquisa não acontecem de uma hora para outra. Elas resultam de uma complexa rede de fatores “externos” e “internos” difíceis de isolar e medir. O clima intelectual do último quartel do século XIX no Brasil foi também moldado por mudanças políticas e econômicas. Some-se aos movimentos de Independência (1822), a Proclamação da República, (1889), o abolicionismo (1888), o recrudescimento do sentimento nacionalista e a modernização do sistema de ensino. Todos esses fatores podem ser correlacionados à emergência de jovens scholars brasileiros que se percebiam tão qualificados quanto seus colegas europeus para lidar cientificamente “de modo novo” com a matéria linguística. Ainda que autodidatas na sua maioria, o conhecimento da língua naquele momento era do domínio do homem culto, e muitos se dedicaram também ao estudo e à prática da descrição gramatical, embora tivessem tido formação profissional como médicos, ou engenheiros. Além da formação improvisada em filologia, seja portuguesa, romântica, ou clássica, os esforços dessa geração em implantar um caráter científico no estudo e no ensino da língua esbarraram em dificuldades formidáveis para adaptar a realidade linguística brasileira a um novo quadro de trabalho e para atender às demandas de um crescente mercado editorial voltado para o ensino de uma língua “correta” e “culto”.

O *mainstream* europeu se tornou também o *mainstream* brasileiro em ciência gramatical, principalmente através da divulgação do *Programa geral preparatório para exames em todo o Império*, de 1877, como apontado inúmeras vezes por estudiosos deste período.¹³ Dito de outra maneira, também não havia, como corretamente apontado por Cavaliere (2022), uma audiência específica que acompanhasse os esforços de um trabalho científico do português, fora das gramáticas destinadas ao ensino de língua e aos concursos públicos. Mapear a “recepção” a teorias e métodos de outros centros produtores e divulgadores, como se sabe, também não é tarefa simples de se executar. As ideias e práticas importadas acabam por se adaptar às tradições locais, às línguas locais e,

os seres vivos: possuem uma parte material ou corpo, e uma parte vital, que se pode chamar o espírito ou alma. Uma e outra causa estão sujeitas a transformações [...].” Não há em Ali uma instância virtual, potencial, disponível para a atualização sonora, como se observa em Saussure (cf. conceito de *imagem acústica*) e nos estruturalistas posteriores que atribuirão uma existência igualmente mental às unidades de 1ª articulação (cf. conceito de *fonema* em Jakobson (1967) e em Sapir (1921). Esse é o movimento que alterará enormemente a metodologia de descrição linguística no estruturalismo posterior a Ali.

13 Também conhecido como Programa Fausto Barreto. O programa requeria que o estudo da língua portuguesa se fizesse de acordo com as novas linhas de trabalho científico, isto é, a histórico-comparativa. Fausto Barreto (1852-1915) era professor de português do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, a instituição secundária modelar à qual as demais do país acabavam por seguir.

inevitavelmente, se revestem dos valores sociais dos seus novos praticantes, o que nem sempre foi imaginado no momento e no local original da sua criação.

O abandono dos princípios da *Gramática Geral* como metamodelo preferencial de descrição linguística não aconteceu, pois, de uma hora para outra, já aprendemos esta lição de Kuhn (1962). Considerada “metafísica desenfreada” (Said Ali, 1895b, p. 42) pelos jovens turcos brasileiros do final do século XIX, as doutrinas filosóficas sofriam ampla rejeição, ao menos na retórica dos seus críticos. Reivindicava-se que a gramática deveria ser a *sistematização metódica dos fatos (positivos) observados pelo gramático* (Said Ali, 1895b, p. 42; p. 111; v. também, a título de exemplo, Ribeiro, 1883, Prefácio; p. 278; p. 295-296 e Maciel (1914 [1887]), p. 22) e que a ciência modelo para o estudo científico das línguas era, ou a biologia, ou a química. Com efeito, o argumento de Said Ali (1895b, p. 114, grifo próprio) a este respeito é plástico. Leia-se o comentário abaixo:

O processo sofístico da substituição não é admissível em uma análise científica. Tomemos um exemplo da química. Se apresentarmos a um preparador de química um sal para analisar, e se ele não puder dar conta da tarefa por não possuir no seu laboratório os reativos necessários ou por outra causa qualquer, não irá com certeza substituir o sal por outro e analisar o corpo B em vez do corpo A. [...] Resulta daí que, em lugar de aplicarmos os processos de análise química e examinarmos os fatos objetivamente, tais quais se apresentam, somos levados a recorrer à alquimia e a escamotear esses fatos, pondo em substituição outros cuja análise nos parece fácil.

Problemas gramaticais relevantes para os estudiosos do português no quadro das doutrinas filosóficas como *verbos impessoais*; *orações sem sujeito*, *verbos substantivos*, *elipses* e assim por diante, foram reanalizados, ou simplesmente ignorados, no novo quadro científico de trabalho (cf. Said Ali, 1895a, b). Dentro do novo espírito científico, caberia ao linguista, ou, ao gramático, observar as formas linguísticas tal como ocorriam na realidade e, no caso, na realidade brasileira. Não por acaso, pois, foi Ali quem resolveu o problema da colocação dos pronomes átonos na frase portuguesa, observando sua prosódia: “[...] podem [os gramáticos puristas] dar as regras que quiserem, no Brasil não se colocam nem jamais se hão de colocar os pronomes do mesmo modo que em Portugal.” Said Ali estava certo, a colocação dos pronomes átonos dependia do princípio da eufonia atuando em cada uma das variedades do português. Enquanto o [e] final em *me*, *te*, se pouco se ouve em português europeu

(ex.: Parecia trazer-*m*”),¹⁴ no Brasil, a pronúncia do pronome é muito mais acentuada, próxima a um [i], como em *mi*, *ti*, *si* (Ex.: Parecia *mi* trazer). Um dos argumentos irrefutáveis de Ali é que, mesmo um falante iletrado do português, seja europeu, seja brasileiro, segue essa “regra” de forma consistente: ênclise em Portugal, próclise no Brasil. Ali preferirá muitas vezes falar, nesses casos, em “sentimento”¹⁵ do falante diante da sua própria língua, algo próximo ao que chamaríamos hoje de “intuição” linguística (V. por exemplo, Said Ali, 1964 [1931a, b], p. 213, grifo nosso: “A colocação do pronome átono depende, em tais casos, tão somente da **intenção** e **maneira de sentir** da pessoa que fala”). A inclusão da dimensão enunciativa nas suas análises faz de Ali, penso eu, um analista da língua “pragmaticamente orientado” como diríamos hoje, à la Émile Benveniste (1902-1876), se preferirmos.

Seja como for, a lição dos jovens gramáticos que estava “no ar” foi devidamente incorporada na prática de análise de Said Ali e aplicada a dados do português, neste ponto Mattoso Camara ((2004 [1961])) tem razão. Os dados da língua do presente eram os fatos relevantes a serem *observados*,¹⁶ *descritos*, como ocorriam, e *explicados* pelo linguista que conhecia a língua na sua dimensão evolutiva. Tanto é que, na avaliação geral de Pinto (1978, 1981), a especificidade da variante brasileira do português, em relação à variante europeia, na ausência de uma teorização consistente continuaria, como de fato continuou, tácita, até pelo menos meados do século XX, com a emergência do Projeto NURC (1969)¹⁷. No pêndulo que caracteriza o movimento recorrente na história geral da linguística entre valorização de dados de um lado, e valorização de teorias, de outro, nossa “geração científica” ficou no eixo dos dados (Altman, 2014).

Essa alternância no tratamento da realidade linguística brasileira, entre valorização dos dados, e valorização teórica, ou metateórica, será, por sinal, um dos divisores de águas entre os linguistas brasileiros do século XX *stricto sensu*. Nem sempre percebida como um conjunto provisoriamente compartilhado de valores de uma geração de praticantes das ciências da linguagem, a alternância

14 O exemplo é de Alexandre Herculano (1810-1877), em *O Monge de Cister; Época de D. João I — 1848*, *apud* Said Ali (1895a, p. 312).

15 “Na forma popular aluga-se (em vez de alugam-se) casas, o fator é evidentemente a **analogia**. Desconhecedor das regras tirânicas da gramática, o homem do povo guia-se pelo **sentimento de linguagem**” (Said Ali, 1895b, p. 113; 1964 [1931a, b], p. 213, grifo próprio).

16 É recorrente em Ali o comentário sobre o que considera uma gramática científica, como por exemplo: “Buscar um sujeito fora da realidade, nós já o dissemos, não compete à gramática como ciência que se limita a observar e registrar os fatos, tais quais se apresentam na linguagem” (Said Ali, 1895b, p. 11).

17 O corpus do Projeto NURC foi compilado entre 1970 e 1977 por iniciativa de Nelson Rossi (1927-2014), então professor da Universidade Federal da Bahia (v. Altman; Castilho, 2022 para detalhes).

entre dados/teoria servirá, muitas vezes, mais de marca ideológica entre os diferentes tipos de linguistas que aqui se formarão do que de escolha epistemológica (v. Altman, 2004).

| A título de conclusão

Uma pesquisa cuidadosa sobre o lugar que Said Ali ocupa na história dos estudos linguísticos do português no Brasil, portanto, deve começar pela pergunta: em que medida Ali “escapa” da *filosofia positiva* que subjaz à sua prática científica e admite, em alguma medida, ser a língua um sistema de valores *in absentia*, princípio fundador do paradigma estruturalista saussuriano?

Até onde pude verificar, não há este movimento em Ali. Até onde foi minha releitura do cânone dessa tradição de descrição gramatical do final do século XIX, o mérito de Said Ali para as gerações que o sucederam está mais na síntese que se mostrou capaz de efetuar entre a tradição gramatical pedagógico-descritiva, normativa, exigência do seu contexto institucional e social, e o conceito europeu (notadamente alemão e francês) de ciência gramatical, cujo princípio explicativo das formas e funções linguísticas está na concretude da sua documentação histórica.

Neste sentido, faltam às historiografias que interpretam Said Ali como precursor do estruturalismo linguístico, descrições convincentes das contribuições dos seus escritos gramaticais para um estudo estrutural/estruturalista do português. Faltam também, a meu ver, estudos intermediários de identificação de problemas e de métodos de soluções de problemas não bem resolvidos pela geração da “gramática científica” de que fazia parte, mas que Said Ali teria retomado e resolvido sob outra perspectiva de análise científica, aquela que acabará por dar origem, no Brasil, à classe socioprofissional dos linguistas (Altman, 2004). Em suma, se me permitem, falta-nos justamente a interpretação que sincroniza a visão de Said Ali – e a sua prática de análise gramatical– ao *zeitgeist* do momento em que atuou.

Mesmo que haja interpretações prévias, aparentemente estabelecidas na historiografia de uma tradição metalinguística, é desejável que o historiógrafo que revisita os autores do seu passado procure restabelecer “do zero” as fontes originais e o contexto (aí inclusos os textos de autores que constituem a mesma série) em que seus trabalhos foram produzidos e divulgados. Do contrário, sua pesquisa se reduz a uma resenha de opiniões de outras fontes secundárias, de outros mundos intelectuais, diferentes daquele em que se situa o historiógrafo.

| Referências

- ALTMAN, C. **A Guerra fria estruturalista.** São Paulo: Parábola, 2021.
- ALTMAN, C. **A pesquisa linguística no Brasil 1968-1988.** 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2004.
- ALTMAN, C. **Léxico grammatical Tupinambá/ Nheengatu (XVI-XIX).** Berlin: Iberoamerikanisches Institut Preussischer Kulturbesitz, 2014. Manuscrito inédito.
- ALTMAN, C. Retrospectivas e perspectivas da Historiografia da Linguística no Brasil. **Revista Argentina de Historiografia Linguística**, v. 1, n. 2, p. 115-136, 2009.
- ALTMAN, C. Saussure and the Brazilian ‘scientific grammar’ (1880-1930). Lingua et Historia. **Revista da Henry Sweet Society for the History of the Linguistic Ideas**, 2024a. No prelo.
- ALTMAN, C. Linguística Estruturalista. In: FLORES, W.; OTHERO, G. (org.). **A Linguística hoje: historicidade e generalidade.** São Paulo: Contexto, 2024b.
- ALTMAN, C. **A questão do ‘pioneerismo’ na história da linguística, ou, a divergência entre Eugênio Coseriu e E.F.K. Koerner.** Resumo apresentado no Encontro em homenagem a Eugenio Coseriu, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 4 nov. 2024c.
- ALTMAN, C. **O Estruturalismo saussuriano e a ciência positiva de Said Ali.** Apresentado em Mesa Redonda no evento ABRALIN ao vivo, 24 ago. 2024d.
- ALTMAN, C.; CASTILHO, A. T. de. Brazilian Portuguese linguistics: An overview. In: KABATEK, J.; WALL, A. (org.). **Manual of Brazilian Portuguese Linguistics.** Berlin; Boston: de Gruyter, 2022. p. 23-51.
- BECHARA, E. Apresentação. Primeiros ecos de F. de Saussure na gramaticografia de língua portuguesa. In: SAID ALI, M. **Dificuldades da língua portuguesa.** 7. ed. Rio de Janeiro: ABL; Biblioteca Nacional, 2008. p. XVII-XXVI.
- BECHARA, E. **M. Said Ali e sua contribuição para a filologia portuguesa.** 2. ed. 1962. Tese (Concurso para Professor Titular) – Instituto de Educação do Estado da Guanabara, Rio de Janeiro, 1962. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/textos/bechara1962-a.pdf>. Acesso em: 17 maio 2024.
- BORGES NETO, J. **História da gramática.** Curitiba: Editora UFPR, 2022.

BRUGMANN, K.; OSTHOFF, H. Preface to Morphological Investigations in the sphere of the Indo-European languages I. In: LEHMANN, W. P. (ed.). **A reader in nineteenth-century historical indo-european linguistics**. Bloomington; London: Indiana University Press, 1967. p. 197-209.

CAVALIERE, R. **História da gramática no Brasil. Séculos XVI a XIX**. São Paulo: Vozes, 2022.

CAVALIERE, R. O estruturalismo chega ao Brasil: Manuel Said Ali e Joaquim Mattoso Câmara Jr. In: BASTOS, N. B. (org.). **Língua portuguesa: história, memória e interseções lusófonas**. São Paulo: EDUC; IP-PUC-SP, 2018. p. 103-120.

COELHO, O.; DANNA, S. M. D. G. História da língua portuguesa e historiografia linguística no Brasil em cinco gramáticas do século XIX. **Confluência**, v. 49, p. 215-235, 2015. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/89/74>. Acesso em: 17 maio 2024.

COELHO, O.; DANNA, S. M. D. G.; POLACHINI, B. O português do Brasil em gramáticas brasileiras do século XIX. **Confluência**, v. 46, p. 115-142, 2014.

COSERIU, E. Georg von der Gabelentz y la lingüística sincrónica. In: COSERIU, E. **Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje. Estudios de historia de la lingüística**. Madrid: Gredos, 1977. p. 200-250.

GOMES, A. A. **Grammatica portugueza**. 16. ed. Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: Francisco Alves, 1915.

HARDING, S. Rethinking Standpoint Epistemology: What is ‘Strong Objectivity? In: HARDING, S. (ed.). **The feminist standpoint theory reader: intellectual and political controversies**. New York: Routledge, 2004.

JAKOBSON, R. **Fonema e fonologia**. Seleção, tradução e notas por Joaquim Mattoso Câmara. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

KOERNER, E. F. K. 1876 as a turning point in the History of Linguistics. In: **Toward a historiography of linguistics: Selected essays**. Amsterdam: John Benjamins, 1978. p. 189-209.

KOERNER, E. F. K. European structuralism: Early beginnings. In: SEBEOCK, T. (ed.). **Historiography of Linguistics**, v. 13. The Hague; Paris: Mouton, 1975. p. 717-827.

KOERNER, E. F. K. Georg von der Gabelentz and Ferdinand de Saussure: The problem of influence. In: **Saussurean studies/ Etudes saussuriennes**. Genève: Slatkine, 1988. p. 51-66.

KUHN, T. **The estructure of scientific revolutions**. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1962.

LACEY, H. **Valores e atividade científica 2**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LEHMANN, W. P. **A reader in nineteenth-century historical indo-european linguistics**. Bloomington; London: Indiana University Press, 1967.

LEHMANN, W. P. **Historical linguistics**. 3. ed. London; New York: Routledge, 1992.

MACIEL, M. **Grammatica descriptiva**. Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: Francisco Alves, 1914.

MAIA, Z. do P. M. **Grammatica da língua portugueza**. 3. ed. v. I, II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914.

MATTOSO CAMARA JR., J. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1965.

MATTOSO CAMARA JR., J. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

MATTOSO CAMARA JR., J. Said Ali e a língua portuguesa. *In:* UCHÔA, C. E. F. (org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 223-226.

PINTO, E. P. Introdução. *In:* PINTO, E. P. (org.). **O Português do Brasil: textos críticos e teóricos**, v. 1: 1820/1920, fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro; São Paulo: Livros Técnicos e Científicos; Editora da Universidade de São Paulo, 1978. p. XV-LVIII.

PINTO, E. P. Introdução. *In:* PINTO, E. P. (org.). **O Português do Brasil: textos críticos e teóricos**, v. 2: 1920/1945, fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro; São Paulo: Livros Técnicos e Científicos; Editora da Universidade de São Paulo, 1981. p. XIII-LI.

POLACHINI, B. S. **O tratamento da sintaxe em gramáticas brasileiras do século XIX: um estudo historiográfico**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

POLACHINI, B. S. **Uma história serial e conceitual da gramática brasileira oitocentista de Língua Portuguesa**. 2018. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

POLACHINI, B.; VIDAL NETO, J. B. C. As mulheres nos estudos linguísticos brasileiros (1890-1960). In: ALTMAN, C.; LOURENÇO, J. (ed.). **Feminino em historiografia linguística**: Américas. v. I. Campinas: Pontes, 2023. p. 171-227.

RAZZINI, M. de P. G. **O espelho da nação**: a Antologia Nacional e o ensino de português e literatura (1838-1971). 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Campinas, Campinas, 2000.

RIBEIRO, J. **Grammatica portugueza**. 2. ed. São Paulo: Teixeira e Irmão, 1883.

ROSSI, N. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

ROSSI, N. **Atlas prévio dos falares baianos**: introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

SAID ALI, M. A colocação dos pronomes pessoais na linguagem corrente. **Revista Brazileira**, Rio de Janeiro; São Paulo: Laemmert & C., v. 1, p. 301-314, 1895a.

SAID ALI, M. **Dificuldades da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Besnard Frères, 1919.

SAID ALI, M. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. Edição por Evanildo Bechara e Maximino de Carvalho e Silva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

SAID ALI, M. Verbos sem sujeito segundo publicações recentes. Revista Brazileira, Rio de Janeiro; São Paulo: Laemmert & C., v. 1, p. 39-48, p. 108-115, 1895b.

SAPIR, E. **Language: an introduction to the study of speech**. New York: Harcourt, Brace and Co., [s.d.].

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Ed. por Charles Bally, and Albert Sechehaye. Lausanne/ Paris: Mouton, 1916.

VIDAL NETO, J. B. C. **A formação do pensamento linguístico brasileiro: entre a gramática e novas possibilidades de tratamento da língua (1900-1940)**. 2021. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

VIEIRA, F. E. **A gramática tradicional. História crítica**. São Paulo: Parábola, 2018.

Como citar este trabalho:

ALTMAN, Maria Cristina Fernandes Salles. Sincronia em historiografia linguística: Said Ali e o estruturalismo linguístico. **Revista do GEL**, v. 21, n. 3, p. 126-146, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 14/09/2024 | Aceito em: 27/11/2024.